

O trovão e o traço♦

Marcus André Vieira

Este texto examina a relação entre os conceitos de real, desejo e letra no ensino de Jacques Lacan. A hipótese que o norteia é a de que uma psicanálise lida apenas com o real como incidência de um desejo e nunca com o real como tal, em si. Essa incidência é paradoxal, pois atravessada pelo universal, já que o desejo para Lacan é sempre um desejo herdado pela cultura e nunca inato. Ao mesmo tempo são as marcas da incidência desse desejo o que temos de mais singular e que designam o ponto de conclusão do tratamento. Como modo de abordar estas questões, utiliza-se a análise do autor, da qual algumas passagens são narradas e examinadas a partir do dispositivo institucional criado por Lacan conhecido como testemunho de passe.

palavras-chave: psicanálise, Lacan, passe, testemunho, letra, desejo.

The thunder and the trace

This article examines the relationship between the concepts of real desire and letter in the works of Jacques Lacan. The hypothesis that is used as guidelines is that psychoanalysis deals only with the actual incidence of a desire and never with the real as such, itself. This incidence is paradoxical because it is crossed by the universal, since desire for Lacan is always a cultural desire and never inherited inborn. At the same time, the trademarks of the incidence of this desire are what are most natural for us and what designates the point of conclusion of the treatment. The way of dealing with these issues in this paper is the analysis of the author, which some passages are narrated and examined from the the standpoint of the institutional arrangements created by Lacan known as the pass and its testimonys.

Key words: psychoanalysis, Lacan, pass, testimony, letter, desire.

Estamos acostumados, com Lacan, a falar do real mesmo sem poder defini-lo exatamente. Sabemos, porém, que, dada a experiência de uma análise, em que tudo se dispõe em uma narrativa, passa longe da proposta freudiana a da apreensão das coisas “em si”. O real da experiência não tem essência o bastante para ser aproximado de algum Ser fundamental. Ao mesmo tempo, se ele for aproximado de uma negatividade essencial, um vazio, voltamos à ontologia, apenas negativada.

De fato, muitas vezes em nossa clínica lidamos com o real como uma entidade, mesmo se o dizemos sempre dispersão, corte e contingência. Nosso congresso assume que a desordem na cultura leva a um modo de apresentação do real a tal ponto modificado que podemos falar em *um* real - um real para o século 21 que não seria mais o do século

♦ *Quarto testemunho de passe e comunicação apresentada na plenária “Premières ponctuations” do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise “Um real para o século 21”, Paris, abril 2014. Publicado originalmente em francês como: Vieira, M. A. « Le tonnerre et le trait ». In : Gauthier, Anne-Charlotte. Le réel mis à jour, au XXI siècle, Paris, EURL Huysmans, 2014, pp. 100-108.*

20. Deixamos, então, a dificuldade de um real como Um, para um real múltiplo. Mas até que ponto podemos declinar o real da experiência de uma análise? Haveria tantos reais quanto discursos? Sujeitos?

Dada a dificuldade do tema, minha pontuação sobre “um real para o século 21” será apresentar minha análise como um procedimento que tocou *um* real, o real de um desejo e que verificou o quanto *o* real, como tal, era apenas uma fantasia.

Parto da voz. A voz do Outro tem a particularidade de nos mobilizar sem levar em conta uma de nossas balizas mais básicas: o “dentro x fora” do corpo. A voz ressoa tão dentro que, paradoxalmente, já não se sabe exatamente de onde viria.¹ Nessa suspensão de todas as fronteiras apresenta-se, no que se ouve, a voz como tal, manifestação da pura presença do Outro. É uma experiência de certeza. Somos intimados mesmo sem saber bem por quem nem para quê. Não é à toa que essa presença tenha sido quase sempre tomada como divina ou demoníaca.

Sabemos que Freud preferiu aproximá-la de seu conceito de supereu. O importante é destacar como, por esta razão, a presença vocal do Outro mais que qualquer outra exige resposta. Do contrário, nos perdemos de nós mesmos por apagamento da fundamental diferença entre eu e Outro. Para o bem ou para o mal, o supereu exige ação. Nos termos de Lacan sua voz se pudesse ser ouvida diria apenas: *Goza!*.²

Foi com relação a essa exigência cega e sem corpo que a análise permitiu uma modulação, uma pequena separação que mudou minha história.

O supereu me aparecia com as feições das crises de agitação dos pacientes da clínica psiquiátrica de minha família, onde passei os momentos mais intensos e vivos de minha infância. Tudo me levava a tomar os violentos gritos na crise como a voz do supereu. O grito do louco me parecia a perfeita encarnação dessa voz, áfono como o som de um *trovão*: sem sentido, pura força da natureza, o real em si. A análise me permitiu inscrever o trovão de modo novo em minha vida, o que me levou a concluí-la.³

Essa inscrição partiu de experiências alternativas, afinal, nem sempre os encontros com o Outro haviam presentificado a exigência cega do supereu. Uma delas tornou-se decisiva, a imagem da *mão mordida* de meu pai, relativamente comum por ele viver separando as brigas dos muitos cachorros de que cuidava.

A primeira vista esta imagem seria apenas uma variante, em forma canina, da figuração fantasmática do supereu como pura força da natureza. No entanto, apareceu-me claramente como a mão mordida de meu pai só o era por *seu* desejo de pacificação. A mão figurava não o real, como pensava ser o dos gritos dos loucos, mas um real. O real de um desejo de calar, de pôr ordem e silêncio na loucura, especialmente a loucura familiar que imperava na clínica, que sempre fora dirigida pelas mães da família.

De fato, percebi muito tarde como o real em análise é sempre um real. O real dos desejos, um a um, que nos determinam e não o real sem desejo, puro gozo. Descobria, então, a partir desse *um real*, que o trovão tampouco era o real, mas tão somente, mais um. Era a maneira como minha mãe, em meu caso, concebia o real. Era o real da fantasia materna.

Mas havia mais. Enquanto os loucos e seus gritos ou o silêncio da mão pacificadora figuravam o real do Outro paterno ou materno, a mordida do cão me apresentava um real *singular*, de meu desejo.

É bem verdade que o singular do desejo só pode se apresentar como paradoxo, afinal nosso desejo é sempre um pouco desejo do Outro. Creio que por isso a mordida, traçado do cruzamento entre gozo e significante se duplicou. Ela tanto era subtração de gozo, marca do que há de mortificação pelo fato de se falar quanto lugar de gozo, presença dele. Em minha cosmologia pessoal esse duplo aspecto era assinalado tanto pela mordida, por um lado, quanto pelo *rosnar* do cão enquanto morde.

Foi o que levou a um sonho conclusivo. Nele, o som do trovão, grito do louco apresentava-se tanto como mordida quanto rosar, rugir da vida, o que me levou a chamá-la de mordida viva, ou ainda *mordidavida*.⁴

A mordida só se tornou legível dessa forma quando a voz, como objeto, cedeu lugar à *letra*. A presença do Outro como objeto, mesmo se objeto-trovão, é sempre um tanto solidária da forma corporal. Já a letra é a voz tornada *traço*, registro sem corpo. É a presença de uma alteridade que não necessariamente convoca o sentidos que ela possa ter assumido em uma história.

Nessa operação o gozo se separa do sentido, mas não desaparece, nem fica à deriva. O desdobramento da letra é essencial nesse sentido. Tal como o elétron no acelerador de partículas (ou energia ou matéria, dependendo da posição do observador) ela tanto me apareceu como mordida, sulco que define e estipula, *traço*, quanto rosar, vida que vibra, *corda*, como as de um instrumento musical, produzindo *ressonância*.⁵

Não é essa mesma duplicidade que visa Lacan ao escrever *lalíngua*? Lalíngua não é tanto uma coleção de fragmentos languageiros quanto o gozo da lalação que eles sustentam?⁶

Dessa forma, a análise pôde tornar legível um real e me levou à certeza de que esse real, o do traçado singular de um desejo será sempre assim, entre dois, litoral - marca de um impossível, no entanto, cheia de vida.

O que dizer do real de nossos dias? Pensei, para concluir, em lhes propor uma arriscada comparação entre o supereu em minha análise e no *facebook*.

Já se tornou moeda corrente postular, na exigência generalizada de gozo que nos cerca, o imperativo do supereu. Vale aproximá-la em seu aspecto vocal. De fato, não vivemos apenas uma explosão de imagens, estamos também imersos em uma sonorização incessante, seja no plano coletivo, seja no individual, o dos *ipods*, por exemplo. A sociedade do espetáculo exige muita agitação por ser também a sociedade da voz.⁷

Não por acaso, ela também é uma sociedade da escrita.⁸ Nos agitamos muito e escrevemos muito também: mails, SMS, whatsapp. Quero destacar um desses procedimentos de escrita, os comentários das fotos que postamos.

Tiramos muitas fotos e parece obrigatório comentá-las. Congela-se um momento em uma foto, o que tem, lembra R. Barthes, sempre algo de mortificação. Mas a mortificação incluída nessa operação será, porém, negada pela multiplicação dos comentários escritos que repercutem a publicação de cada foto.⁹ Pouco ou nada dizem. Quase vazios de sentido, apenas afirmam como aquele momento “fofo” teria sido especial. O que era morte, momento tipificado, de um prato de comida no restaurante a um sorriso banal, projeta-se como se contivesse a vida de um momento único graças a essa repercussão de uma escrita esvaziada de sentido.

Em uma análise algo do gozo se escreve, apresentando-se também esvaziado de

sentido. Contudo, esse ato de escrita não precisará ser repetido como os comentários, pois seu traçado deixa em aberto o sentido do que se escreveu.

Aquilo que parecia morte, a marca do Outro em nossos corpos, subtração de gozo, trauma, vem apresentar-se como centro nervoso de nossa singularidade, única garantia de estarmos vivos. Afinal, só essa marca nos faz únicos, bem mais do que a forma do corpo que a sustenta. Fica em aberto, porém, seu sentido.

De fato, nossa singularidade não poderia se traduzir nesse ou naquele modo específico de gozo. Não corresponde a uma maneira de gozar, um modo de ser. O que se traça define mais um circuito através do qual, para alguém, o gozo, qualquer um, tem necessariamente que passar para se realizar.

Por isso, enquanto os comentários no *facebook* se multiplicam e se repetem para reafirmar um mesmo sentido, o gozo singular do *sinthoma* não se apresenta na repetição. Ele não é a monótona afirmação de um mesmo modo de ser. Sem sentido em si, não consiste em nenhum dos modos de gozar de um sujeito, mas em todos eles insiste, naquilo que chamamos *estilo*.

Dessa forma, na verdade, o estilo não é a reiteração de um modo de dizer, mas sim de um impossível de dizer.¹⁰ E sem que este seja o signo de um fracasso. Se a impossibilidade de dizer o que somos parecia impotência é porque supunhamos que alguém nos impedia. A contingência da marca do Outro, da letra que nos escreve assinala, ao contrário, que o Outro, como intenção, nunca existiu. Somos fruto de uma chuva contingente de desejos sobre o corpo e nem seus “donos” sabiam bem o que com eles faziam. É o que diria o traçado dessa chuva se pudesse ser lido: o sentido do desejo do Outro não será dito porque nunca existiu.

Se não há sentido original do desejo, nada impede que a vida aninhada na inscrição de seu impossível tenha outro destino. Se antes era gozo incômodo, tida por obstáculo à uma pretensa realização plena do dizer, ela poderá ser agora como o gozo da lalação, que parasita a voz e talvez impeça o discurso ideal, mas é, porém, o que abre caminho a um estilo.

Nunca conseguirei ouvir a voz do trovão, nem as que ouviam meus companheiros alucinados de infância, na clínica. De vez em quando, porém, posso fazê-las ressoar por terem se escrito em mim. Foi o que tentei, aqui, hoje.

¹ De fato, o som nos afeta sempre nas ondas sonoras conduzidas pelo ar que penetra em nossos ouvidos e ao mesmo tempo por condução óssea, pois o crânio (assim como o corpo todo) é igualmente mobilizado e vibra por ação das mesmas ondas. É o que Lacan dramatiza ao lembrar que os ouvidos são os únicos orifícios do corpo que não podem ser fechados a não ser por ajuda externa. Lacan, J. *O seminário. Livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 17 [18/11/75].

² Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998[1960], p. 691 e 836 [684 e 849].

³ Cf. Lacan, J. *O Seminário Livro 10, A Angústia*, Rio de Janeiro, JZE, p. 273 e 275 [22/5/63].

⁴ Vieira, M. A. “Mordidavida”, *Opção lacaniana 65*, São Paulo, EBP, 2013.

⁵ Lacan, J. *O seminário. Livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 17. É o que lembra J. A. Miller quando afirma: “Que isto fique claro: dois estatutos do significante. No uso de Lacan, há claramente uma anfibologia desse termo.

Há o significante como tal, aquele que se lê pura e simplesmente, é o primeiro em relação ao significado. Podemos chamá-lo de *letra* - Lacan o fez ocasionalmente – sob a condição, disse eu, de não aquartelar-se nas vinte e seis letras do alfabeto” (Miller, J. A. “O ser e o Um”, Curso da orientação lacaniana, 2010-2011, inédito, lição de 23/3/11).

⁶ “Conferência de Genebra sobre o sintoma”. Em: *Opção Lacaniana*, n.º 23, São Paulo, EBP, dezembro de 1998, p. 13.

⁷ Lacoue-Labarthe, O. *Le chant des muses*, Paris, Bayard, 2005, p. 18. Basta lembrar do modo como os celulares invadem a sessão analítica, por exemplo. O celular que é desligado ostensivamente pelo obsessivo ou o celular que não consegue ser desligado, pela histérica.

⁸ Basta que não entendamos escrita apenas como aquela que transcreve a retórica de nossos romances (andam tão raros), mas um procedimento para converter a exigência vocal de gozo em alguma ação. “A função do escrito, lembra Lacan a propósito do célebre chiste de Cracóvia e Lehnberg, nesse caso “não constitui o guia [de passagens de ônibus] e sim o próprio caminho da estrada de ferro” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio e Janeiro, JZE, 2003, p. 337 [337]). Cf. Ainda: “O que evoco é outra coisa, é a escrita que chamarei de existência, uma escrita que não é a da fala. Nesse sentido, podemos chamá-la de escrita pura, manejo da letra, do rastro (...). Aqui, o significante opera cortado da significação” (Miller, J. A. “O ser e o Um”, Curso da orientação lacaniana, 2010-2011, inédito, lição de 23/3/11).

⁹ Captura-se, em uma foto, um momento, o que, como lembrava R. Barthes, é sempre mortificação. Cf. Barthes, R. *A câmara Clara*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 134).

¹⁰ “Como não considerar que a contingência, ou o que cessa de não se escrever, não seja o lugar por onde se demonstra a impossibilidade, ou o que não cessa de não se escrever?” “E que por aí se ateste um real que, apesar de não ser mais bem fundado, seja transmissível pela escapada a que corresponde todo discurso” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio e Janeiro, JZE, 2003, p. 337[337]).